



# A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO EM REDAÇÕES PRODUZIDAS EM PORTUGUÊS POR ESTUDANTES GUINEENSES E TIMORENSES: ESTUDO CONTRASTIVO À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Thayse Carolina Ferreira Paraiso<sup>1</sup>  
Cláudia Roberta Tavares Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

Investigamos, nesta pesquisa, o uso da concordância nominal de número em redações produzidas em português por estudantes guineenses e timorenses no exame vestibular da UNILAB-CE<sup>3</sup>. A base teórica utilizada foi a Sociolinguística Variacionista (Labov, [1972] 2008). O método de abordagem foi o indutivo e os métodos de procedimento foram o comparativo e o estatístico, com realização de estudo contrastivo entre o PGB<sup>4</sup> e o PTL<sup>5</sup>. Examinamos, atomisticamente, os dados dos *corpora* a partir das seguintes variáveis linguísticas: posição linear no sintagma e saliência fônica, e das variáveis extralinguísticas: país de origem, sexo e situação do escrevente no vestibular, observando a relevância desses aspectos no uso da concordância de número no sintagma nominal. Resultados globais mostraram que: 1) apesar do contato linguístico do PGB com o crioulo guineense e do PTL com o tétum, duas línguas locais em que não são observadas marcas morfológicas explícitas de número em alguns elementos no interior do sintagma nominal, no PGB e no PTL, a ausência de concordância não é frequente; 2) a variável extralinguística “sexo” não se apresentou como relevante para análise da variação do fenômeno em questão; e 3) segundo critérios estabelecidos por Labov (2003), acerca da frequência de produtividade com a qual uma regra ocorre, o uso da concordância nominal de número no PGB e no PTL caracterizou uma regra variável.

**Palavras-chave:** concordância nominal, variação linguística, variedades do português.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa centrou a atenção no uso da concordância nominal de número em redações produzidas em português por alunos guineenses e timorenses que prestaram exames para ingresso na UNILAB, localizada em Redenção, no Ceará. Assim, foram analisadas duas variedades não-europeias do português em dois países de continentes diferentes onde se fala o português: a saber, o PGB e o PTL, considerando seu intenso contexto de multilinguismo. Apesar de não negarmos a existência de outras línguas

<sup>1</sup> Doutoranda e mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [thayseparaiso@recife.ifpe.edu.br](mailto:thayseparaiso@recife.ifpe.edu.br);

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas e professora Associada do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco – PPGL/UFPE, [claudiarobertats@gmail.com](mailto:claudiarobertats@gmail.com);

<sup>3</sup> Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, localizada em Redenção-CE;

<sup>4</sup> Português de Guiné-Bissau;

<sup>5</sup> Português de Timor Leste.

maternas em Guiné Bissau e em Timor-Leste, consideraremos, para fins de análise neste estudo, a convivência do PGB com o crioulo guineense, língua falada por mais de 90% das pessoas, levando em conta todas as etnias do país, segundo dados do Recenseamento Geral da População e Habitação, referente ao ano de 2008 e publicado em 2009. Do mesmo modo, em relação ao PTL, consideraremos o seu contato com o tétum, língua também oficial da nação. Deter-nos-emos, portanto, no contato linguístico entre as duas variedades do português e essas línguas, tomando por base a teoria da sociolinguística variacionista (LABOV [1972] 2008).

Para iniciarmos o estudo contrastivo que aqui propomos, destacamos, a seguir, algumas características da morfossintaxe do guineense e do tétum.

No crioulo guineense, segundo Intumbo (2007), em relação ao fenômeno da concordância nominal de número, os afixos têm grande importância na marcação de pluralidade. Assim, o plural pode ser marcado morfologicamente nos nomes a partir da inserção do sufixo -s, o qual é um morfema indicador de plural, assim como ocorre com o português. Observem-se os exemplos (1) e (2) extraídos de Intumbo (2007, p. 36) em que o nome está no singular e no plural, respectivamente:

- (1) mininu **djiru**\_\_\_\_  
menino inteligente  
‘um menino inteligente’
- (2) mininu-**s djiru**\_\_\_\_  
menino-PL<sup>6</sup> inteligente:SG<sup>7</sup>  
‘uns meninos inteligentes’

De acordo com o mesmo autor, outra característica relevante do crioulo guineense é que, quando o núcleo nominal possui o traço [+humano] e é precedido de um quantificador, este revela tratar-se de plural, como em 3:

- (3) dus mininu (-s) **djiru**\_\_\_\_  
dois menino (-PL) inteligente  
‘dois meninos inteligentes’

(INTUMBO, 2007, p. 36)

<sup>6</sup> PL = plural.

<sup>7</sup> SG = singular.

Ademais, o autor afirma que determinantes e modificadores mantêm-se invariáveis na concordância de número e não recebem, portanto, nenhuma marcação morfológica de número conforme verificamos nos exemplos de 1 a 3.

A língua tétum, falada por mais de 80% da população leste-timorense, apresenta, conforme Albuquerque (2011, p.178), total ausência de morfologia flexional que indique concordância, levando o autor a considerar a marcação de número como instável nessa língua, uma vez que sua realização acontece pela reduplicação ou pela posposição do pronome de terceira pessoa plural “*sira*” e pelo *-s* final da língua portuguesa. Essas características, conforme o autor, são “herdadas” das línguas de superestrato que deram base ao tétum prasa, como o malaio e o português. Alguns exemplos das marcas morfológicas de plural podem ser vistas nas sentenças 4 e 5 a seguir:

(4) estudante **sira** hola buku-**buku** atu estuda  
estudante PL ganhar livro-RED<sup>8</sup> IRR<sup>9</sup> estudar  
‘Os estudantes ganharam livros para estudar.’

(5) funsionarius nasoes unidas nian too iha timoor ohin  
funcionários nações unidas POS<sup>10</sup> chegar LOC<sup>11</sup> Timor hoje  
‘Os funcionários das Nações Unidas chegaram em Timor hoje.’

(ALBUQUERQUE, 2011, p. 103)

Outro aspecto relevante, quando falamos de línguas em contato, é o estatuto que a língua recebe na localidade. No caso da Guiné-Bissau, por um lado, o português é visto como uma segunda língua (L2), apesar de sua função social não ser a de promover integração social, mas de funcionar como língua de poder (PEIXOTO; SOARES, 2014). Por outro lado, no Timor-Leste, embora o português tenha o estatuto de língua oficial, confirmado pelo artigo 13º da Constituição da República Democrática de Timor Leste (ALMEIDA, 2008), o que faz dele a língua de instrução/escolarização e língua veicular de acesso aos conhecimentos de outras disciplinas, verifica-se uma situação um pouco mais complexa. Nesse país, o estatuto de língua oficial implicaria que o PTL fosse uma segunda língua, visto ser necessária para a participação na vida política e econômica da

<sup>8</sup> RED = reduplicação.

<sup>9</sup> IRR = modo irrealis. Ver Albuquerque (2011).

<sup>10</sup> POS = possessivo.

<sup>11</sup> LOC = preposição locativa.

nação e ser a língua das instituições formais de ensino. No entanto, como o *input* existente no país é insuficiente para que o PTL possa ser aprendido sem o recurso da escola, ele pode ser considerado uma língua estrangeira (LE) (ALMEIDA, 2008):

como se verificou, se se observa o estatuto sociopolítico que o português tem em Timor, pode dizer-se que é PLS<sup>12</sup>. Por outro lado, quando é tido em conta o contexto de aprendizagem, mais ou menos formal, parece ser mais proveitoso recorrer ao conceito de PLE<sup>13</sup>, no sentido prático de aplicar estratégias minimizadoras do fraco *input* externo. (ALMEIDA, 2008, p. 43)

Ainda segundo Almeida (2008, p. 44),

se, relativamente ao contexto mais frequente de ensino formal, a língua portuguesa em Timor Leste se inclina mais para PLE, visto que esse é inegavelmente o contexto em que os jovens timorenses acedem a esta língua, no que concerne ao facto da LE ser aprendida em espaços fisicamente distantes daqueles em que é falada.

Estamos, portanto, diante de duas realidades distintas para o português em Guiné-Bissau e em Timor Leste: nesta, o PTL caracteriza uma LE, enquanto, naquela, o PGB constitui uma L2.

Como deteremos nossa atenção no campo morfossintático, vale referirmos que estudos sociolinguísticos vêm sendo desenvolvidos em outras variedades não-europeias do português, a exemplo do Brasil. Sobre a concordância nominal, estudos apontam para o fato de que se trata de uma regra variável nesse país através da convivência da variante padrão com a não-padrão (ex.: os meninos ~ os menino) (SCHERRE, 1988; SCHERRE; NARO, 1998), ao contrário do que se observa em Portugal, que se apresenta como uma regra categórica (ex: as casas) (BRANDÃO; VIERA, 2012a). Portanto, coube, nesta pesquisa, investigarmos se os dados do PGB e do PTL se aproximam mais da variedade europeia do português ou se já demonstram características próprias oriundas do contexto de multilinguismo existente nesses países, tendo em mente que a situação de contato do português com outra língua em Guiné-Bissau e no Timor Leste pode exercer grande influência no mecanismo dessa concordância.

Ademais, estudos revelam que, em variedades não-europeias do português, o grau de escolaridade exerce influência no uso linguístico no sentido de que as estruturas produzidas por falantes mais escolarizados estão mais próximas da norma europeia do

<sup>12</sup> PLS: Português como Língua Segunda.

<sup>13</sup> PLE: Português como Língua Estrangeira.

português (BACELAR DO NASCIMENTO et al., 2008; MOTA, MIGUEL, MENDES, 2012).

Conforme nota publicada pela UNESCO (JOUDE, 2016), em Guiné-Bissau, 45% das crianças, ou seja, aproximadamente metade delas, em idade de escolarização obrigatória encontram-se fora da escola, realidade atribuída à pouca disponibilidade de escolas que ofereçam todos os anos do ensino regular, como Ensino Fundamental e Médio se compararmos ao sistema educacional brasileiro. Considerando o fato de o crioulo guineense ser a língua materna que predomina no uso cotidiano desse país e de o PGB ser mais usado em contextos escolares, essa situação é particularmente relevante, pois nos permite entender como o pouco contato dos habitantes com o PGB, devido à fragilidade na educação formal, pode influenciar no entendimento e utilização de marcas formais de número na concordância nominal.

Nesse sentido, a partir da leitura de trabalhos realizados sobre a concordância de número no sintagma nominal no PB (SCHERRE, 1988; SCHERRE; NARO, 1998, 2006), que concluem ser um fenômeno variável nessa variedade e ser influenciado por variáveis linguísticas e extralinguísticas, empreendemos, nesta pesquisa, a discussão a partir de um estudo comparativo entre duas variedades não europeias do português, a saber: o PGB e o PTL.

Quando falamos em “fenômeno variável”, é importante termos em mente a classificação das regras linguísticas propostas por Labov (2003, p. 243) que se baseiam na frequência percentual de uso das formas, a saber: a) regra categórica (100% de frequência), b) regra semicategórica (de 95% a 99% de frequência) e c) regra variável (5% a 95% de frequência).

A respeito da frequência com a qual padrões de variação no âmbito da concordância nominal são observados, Brandão (2016, p. 92, 95-96) adota a proposta de Labov (2003, p. 243) e nos apresenta os seguintes dados quantitativos: no PE, a regra de concordância nominal mostra-se categórica, com uma oscilação entre 99,78% e 99,96% de sua aplicação; no PB, trata-se de uma regra variável, com índices que variam entre 44% (*Corpus APERJ*) e 91,6% (*Corpus Concordância*) de sua aplicação; e, no português de São Tomé e Príncipe (doravante PST), a regra também se apresenta como variável, com um percentual de 93,4%.

Ao contrário de muitos estudos sociolinguísticos que se voltam à língua falada, este estudo centra a atenção na língua escrita, considerando que o registro formal da elaboração de uma redação feita durante o processo de ingresso em uma instituição de

Ensino Superior exige um grau de monitoramento maior dos alunos, o que pode nos revelar usos bastante próximos do PGB e do PTL à norma europeia do português. Em caso de alguns usos fugirem à essa norma, aventamos a hipótese da influência da língua materna dos falantes sobre o PGB e o PST.

De maneira geral, este trabalho contribui com os estudos morfossintáticos da concordância no sintagma nominal, uma vez que se trata de um estudo contrastivo entre variedades do português. Em adição, enfatiza-se que o estudo sociolinguístico variacionista no contexto dos países escolhidos fornece suporte empírico para que se combatam ideologias preconceituosas e excludentes justificadas pelas diferenças linguísticas. Dessa forma, objetivamos investigar o uso da concordância nominal de número em redações produzidas em português por estudantes guineenses e timorenses no âmbito do exame vestibular da UNILAB-CE. Para tanto, propomos-nos a: 1) descrever a possível interferência da morfossintaxe do tétum e do guineense no PTL e no PGB, respectivamente, tendo em mente a aquisição do português como L2 e sua coexistência com línguas (L1) desses países; 2) verificar fatores de natureza linguística e extralinguística que possam favorecer o uso dessa concordância e 3) analisar os padrões de concordância nominal de número verificados no PGB e no PTL, levando em conta os tipos de regras linguísticas propostas por Labov (2003) à luz da sociolinguística variacionista.

Em relação ao arcabouço metodológico, esta pesquisa foi empreendida adotando-se o método de abordagem indutivo e os métodos de procedimento: comparativo (entre Guiné-Bissau e Timor Leste) e estatístico. Dessa forma, realizamos a análise quantitativa dos dados e o estudo contrastivo entre o PGB e o PTL.

Os *corpora* foram constituídos de sintagmas nominais extraídos das redações coletadas em que houvesse a variante padrão e a não-padrão relacionada à concordância nominal de número. Concluída essa etapa, as variáveis linguísticas e extralinguísticas foram selecionadas, tomando por base variáveis já investigadas em pesquisas sobre essa concordância em outras variedades do português para fins de futura comparação de resultados. Finalizada essa seleção, os dados foram codificados consoante aos fatores que compõem essas variáveis para posterior rodada dos dados no programa *GoldVarb-X*, seguindo a perspectiva da sociolinguística quantitativa.

As variáveis linguísticas e extralinguísticas que utilizamos nos permitiam verificar, através da rodada dos dados no programa computacional *GoldVarb-X*, quais grupos de fatores mostraram-se relevantes para o fenômeno investigado. Os dados de

Guiné-Bissau contabilizaram um total de 3751 (100%) constituintes analisáveis, enquanto os dados de Timor Leste contabilizaram um total de 2755.

## METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, analisamos sintagmas nominais selecionados a partir de redações produzidas por estudantes guineenses e timorenses no âmbito do vestibular do ano de 2013 da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), uma vez que tal ano consistia no único em que haviam ingressado estudantes timorenses em número relevante para comporem os dados de análise desta pesquisa.

Definidos os sujeitos da pesquisa, partimos para a estratificação de nossa amostra, isto é, para “as dimensões sociais relevantes para a variação, pois elas vão se refletir [...] na constituição das células sociais<sup>14</sup>” (COELHO et al, 2015, p. 101). Para tanto, adotamos as seguintes variáveis extralinguísticas: a) país de origem (Guiné-Bissau e Timor Leste), sexo (homem e mulher) e situação no vestibular (aprovado ou reprovado). O Quadro 1, a seguir, apresenta a distribuição desses informantes:

**Quadro 1: distribuição dos informantes<sup>15</sup> (Total = 400 informantes)**

País	Guiné-Bissau				Timor Leste			
	MA	HA	MR	HR	MA	HÁ	MR	HR
Sexo e Situação no vestibular	50	50	50	50	50	50	50	50
<b>Total</b>	400							

Fonte: Paraiso (2019, p.60)

Definida a amostra, selecionamos as variáveis linguísticas (posição linear e saliência fônica). Com os grupos de fatores selecionados, foi possível codificar os dados dos *corpora* e submetê-los a tratamento quantitativo durante sua rodada no programa GoldVarb X que nos ofereceu os percentuais e os pesos relativos.

Vale referirmos também que os *corpora* foram constituídos dos sintagmas nominais presentes nas redações selecionadas em que houvesse a variante padrão e a

<sup>14</sup> Assumimos com Coelho et al (2015) que “célula social” é “um conjunto de indivíduos agrupados pelas mesmas características sociais relevantes para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística. Defendemos, com os autores, que tais características sociais incluídas no bojo na análise “não são aleatórias, mas seguem os critérios de estratificação social que têm se mostrado relevantes nos estudos sociolinguísticos” (COELHO et al, 2015, p. 101).

<sup>15</sup> No Quadro 1, “MA” refere-se a mulheres aprovadas; “HA”, a homens aprovados; “MR”, a mulheres reprovadas; e “HR”, a homens reprovados.

não-padrão relacionada à concordância nominal de número. Trabalhamos, neste estudo, apenas com o domínio interno do sintagma, sendo dispensado o domínio predicativo.

Vejamos dados do PGB e do PTL que evidenciam a variante padrão e não-padrão:

- PGB:

Concordância nominal de número:

I(a). variante padrão

(6) *As línguas dialéticas* (GHA)

(7) *A complexidade dos grupos étnicos* (GHA)

(8) *Os nossos alunos* (GHR)

I(b). variante não-padrão

(9) *um papel muito interessantes* (GHR)

(10) *os guineense* (GHR)

(11) *nas escola e vias públicas* (GHR)

- PTL:

Concordância nominal de número:

II(a). variante padrão

(12) *dos professores portugueses* (TMA)

(13) *com os meus esforços* (TMA)

(14) *as outras pessoas* (TMA)

II(b). variante não-padrão

(15) *o estrangeiros* (TMR)

(16) *os cidadania* (TMR)

(17) *esses país timorense* (TMR)

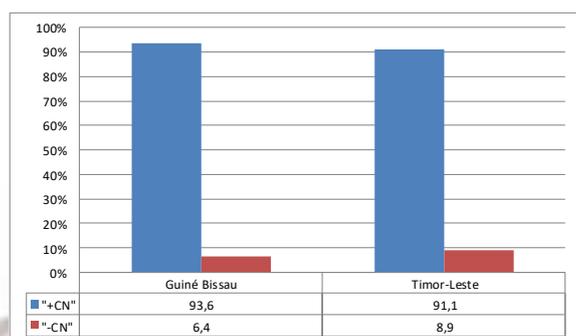
Cumpramos mencionar ainda que, como não haveria contato direto do pesquisador com os sujeitos que produziram as redações, esta pesquisa dispensou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), uma vez que a autorização para uso de dados secundários já constava na carta de anuência emitida e assinada por pessoa responsável na UNILAB-CE. A referida pesquisa foi aprovada para execução pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UFPE nesses termos (CAAE 81133617.1.0000.5208; número do parecer 2.585.071).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo contou com uma amostra de 400 redações de vestibular, sendo 200 produzidas por estudantes guineenses e 200 produzidas por estudantes timorenses, todas escritas em português, mais precisamente, nas variedades do português de cada país (PGB e PTL). Dessas redações, extraímos todos os sintagmas nominais em que houvesse, ao menos, um elemento pluralizado, seguindo a metodologia aplicada por Scherre (1988). Com a rodada dos dados no *GoldVarb-X*, podemos verificar quais condicionadores favorecem ou não o uso da variante padrão (“+CN”) e não padrão (“-CN”), conforme será discutido nesta seção.

Como já mencionado, os dados de Guiné Bissau contabilizaram um total de 3751 (100%) constituintes analisáveis, sendo 3512 (aproximadamente 94%) para a variante padrão e 239 (aproximadamente 6%) para a variante não-padrão; enquanto os dados de Timor-Leste contabilizaram um total de 2755 (100%), sendo 2513 (aproximadamente 91%) para a variante padrão e 242 (aproximadamente 9%) para a variante não-padrão. A seguir, apresentamos um gráfico que mostra que, no PGB e no PST, a regra de concordância nominal nos dados escritos, tomando por base a proposta de Labov (2003) é variável.

**Gráfico 1: PERCENTUAL DE +CN E -CN, TOMANDO POR BASE O PAÍS DE ORIGEM**

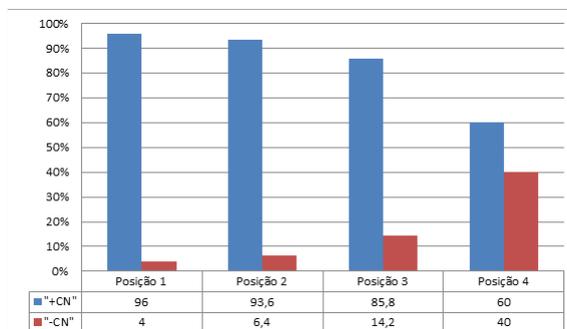


Fonte: Paraiso (2019, p.61)

A partir de agora, centraremos nossa atenção nas variáveis independentes, e iniciaremos a discussão no âmbito da variável relacionada à posição linear do constituinte no sintagma. Observamos que essa variável mostrou-se bastante significativa, corroborando com o que afirma Scherre (1988) de que a primeira posição do SN é a mais marcada e que as demais posições demonstram índices que decrescem significativamente (SCHERRE, 1988, p. 143). Os gráficos 2 e 3, respectivamente,

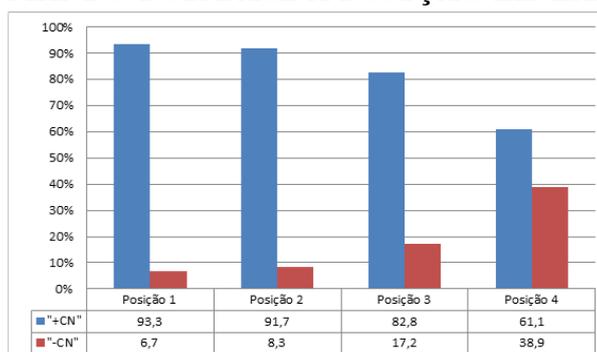
contêm os resultados de Guiné Bissau e de Timor-Leste, tomando por base esse grupo de fator:

**Gráfico 2: PERCENTUAL DE +CN E –CN NOS DADOS DE GUINÉ BISSAU, TOMANDO POR BASE A POSIÇÃO LINEAR**



Fonte: Paraiso (2019, p.97)

**Gráfico 3: PERCENTUAL DE +CN E –CN NOS DADOS DE TIMOR-LESTE, TOMANDO POR BASE A POSIÇÃO LINEAR**



Fonte: Paraiso (2019, p.98)

Nos gráficos 2 e 3, comprovamos a afirmação de Scherre (1988) quanto à posição linear e vemos a ordem decrescente progredindo à medida que o constituinte vai se afastando do início do sintagma, diminuindo em 3%, 8% e 25%, aproximadamente, nos dados de Guiné Bissau e, em 2%, 9% e 21%, aproximadamente, nos dados de Timor-Leste.

A esse respeito, Brandão e Vieira (2012b) observaram, em seu estudo do PB e da variedade africana santomense do português, que a variável posição linear também se mostrou significativa para o favorecimento da marca explícita de plural. Em outro estudo, acerca de três variedades urbanas do português, a saber: o português europeu, o português do Brasil e o português de São Tomé, as autoras afirmaram que

a primeira posição linear, no pré-núcleo, tende a ser mais marcada, o que sugere seja esse o *locus* por excelência da marca. A partir do núcleo em

segunda posição, vai decrescendo gradativamente a presença da marca, quer se considerem os menores ou os maiores índices obtidos (BRANDÃO e VIEIRA, 2012a, p. 1045)

Os exemplos de (18) a (22), produzidos por homens guineenses aprovados no vestibular, exemplificam a relevância da variável “posição no sintagma” para o uso da forma “+CN”:

(18) as suas línguas **materna** (GHA)

(19) nos seus próprios **país** (GHA)

(20) nos mercados **guineense** (GHA)

(21) nos países **africano** (GHA)

(22) os países **colonizado** (GHA)

Nos sintagmas constantes em (18) e (19), vemos o constituinte não pluralizado ocupando a quarta posição, enquanto os demais se encontram com marcas morfológicas de plural. Em (20), (21) e (22), a mesma ausência de concordância ocorre com os constituintes que ocupam a terceira posição, enquanto aqueles elementos que ocupam as primeiras e segundas posições estão todos pluralizados.

Sobre o PTL, Albuquerque (2012) considera a posição linear, a qual ele chama de “ordem”, como um dos fatores estruturais que influenciam a marcação de número, pois, segundo o autor, “os elementos que tendem a ser marcados estão à esquerda do núcleo do SN<sup>16</sup> (linearidade), em sua maioria são determinantes (classe gramatical), e geralmente é o primeiro elemento do SN (ordem)” (ALBUQUERQUE, 2012, p. 5).

Como exemplos da relevância dessa variável e dos fatores estruturais que favorecem a forma “+CN” em PTL, trazemos os sintagmas abaixo, retirados de nossos *corpora* e produzidos por estudantes timorenses aprovados no vestibular:

(23) os **país** membros (THA)

(24) muitos sistemas **português** (THA)

(25) todos os países **lusófono** (THA)

(26) as **língua oficial** (THA)

Os resultados obtidos neste estudo, no que diz respeito à variável posição linear, vão ao encontro dos resultados obtidos por Brandão e Vieira (2012a, 2012b) ao

---

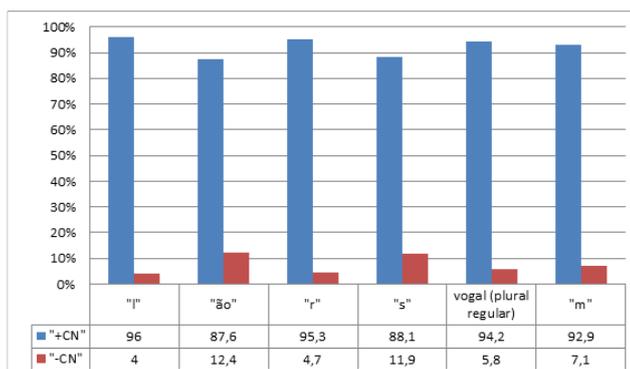
<sup>16</sup> Sintagma nominal.

analisarem a variedade santomense do português e dos obtidos por Albuquerque (2012) sobre o PTL.

Acerca da variável saliência fônica, dividimos em três dimensões, seguindo Scherre (1988). A primeira é composta pelos processos morfofonológicos de formação de plural, dos quais selecionamos sete terminações morfológicas, as quais formam plural de maneiras diversas, para comporem variantes dessa variável. Consideramos, portanto, os itens terminados em: -l, -ão, -r, -s, vogal, e, por fim, os terminados em -m.

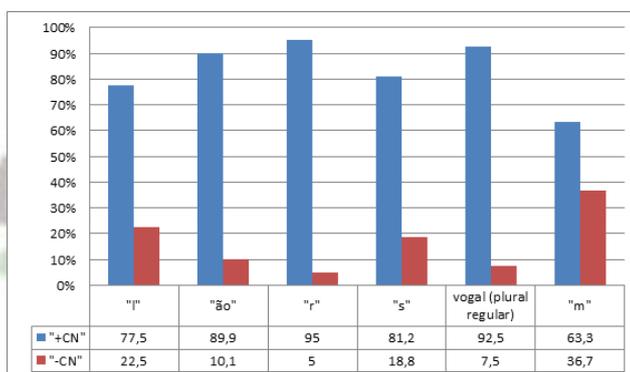
Scherre (1988) levanta a hipótese de que quanto mais diferenciação de material fônico na relação singular-plural, mais haverá marcação de plural. Empreendemos a rodada dos dados do PGB e do PTL no programa computacional *GoldVarb-X*, tomando por base essa variável, e apresentamos os resultados nos gráficos 4 e 5 a seguir:

**Gráfico 4: PERCENTUAL DE +CN E -CN NOS DADOS DE GUINÉ-BISSAU, TOMANDO POR BASE A SALIÊNCIA FÔNICA – DIMENSÃO PROCESSOS**



Fonte: Paraiso (2019, p.101)

**Gráfico 5: PERCENTUAL DE +CN E -CN NOS DADOS DE TIMOR LESTE, TOMANDO POR BASE A SALIÊNCIA FÔNICA – DIMENSÃO PROCESSOS**



Fonte: Paraiso (2019, p.101)

Como vemos no Gráfico 4, no PGB, os itens terminados em -m, cujo plural se faz com inserção de -s (com ou sem alterações silábicas); aqueles terminados em vogal, que costumam formar plural de maneira regular, apenas com o acréscimo de -s (sem

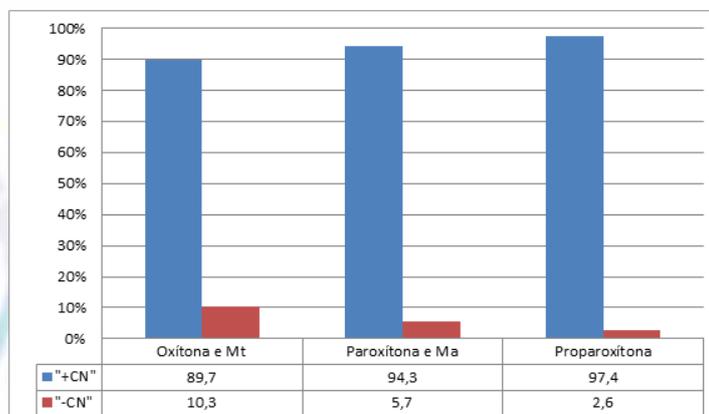
alterações morfofonêmicas); os terminados em -l, com plural formado com a inserção de -s (com ou sem alterações silábicas); e aqueles terminados em -r, cujo plural se faz com inserção de -es (com ou sem alterações silábicas), superaram a marca de 90% para a aplicação da regra de concordância.

No PTL, por sua vez, apenas os itens terminados em vogal e aqueles terminados em -r é que superaram os 90% para a forma “+CN”, com percentuais de 92,5% e 95%, respectivamente, o que contradiz parcialmente a hipótese de Scherre (1988), visto que os itens terminados em vogal, que apresentam menor diferenciação de material fônico na relação singular-plural, tenderiam a ser menos marcados.

O que se mostra interessante é que os itens terminados em -l e em -m comportaram-se de maneira significativamente diferente no PGB e no PTL. Na variedade guineense do português, os constituintes terminados em -l e em -m apresentaram percentuais de 96% e 92,9%, respectivamente, para o uso da forma “+CN”, enquanto, na variedade timorense, constituintes com as mesmas terminações apresentaram índices de 77,5% e 63,3%, respectivamente.

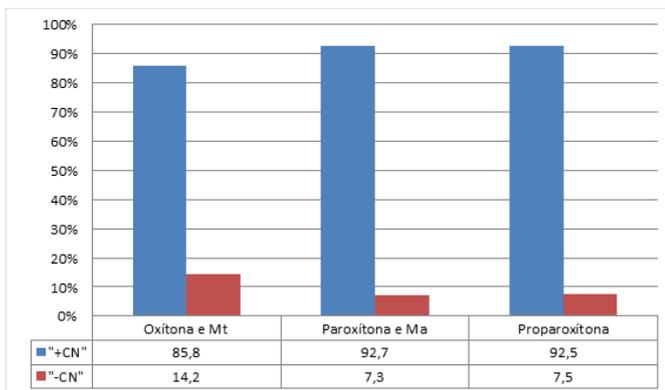
A dimensão “tonicidade do item lexical singular”, da variável “saliência fônica”, também foi considerada por Scherre (1988). A autora defende que os oxítonos singulares e os monossílabos tônicos, por receberem o morfema de plural na sílaba que contém sua tonicidade, favoreceriam a aplicação da regra de concordância, enquanto os paroxítonos e os proparoxítonos, por não terem sua tonicidade nas sílabas finais, receberiam menos o morfema de plural. Nossos dados, no entanto, apresentaram resultados que refutam a hipótese de Scherre (1988), como vemos nos gráficos 6 e 7:

**Gráfico 6: PERCENTUAL DE +CN E -CN NOS DADOS DE GUINÉ-BISSAU, TOMANDO POR BASE A SALIÊNCIA FÔNICA – DIMENSÃO TONICIDADE**



Fonte: Paraiso (2019, p.103)

**Gráfico 7: PERCENTUAL DE +CN E -CN NOS DADOS DE TIMOR LESTE, TOMANDO POR BASE A SALIÊNCIA FÔNICA – DIMENSÃO TONICIDADE**



Fonte: Paraiso (2019, p.103)

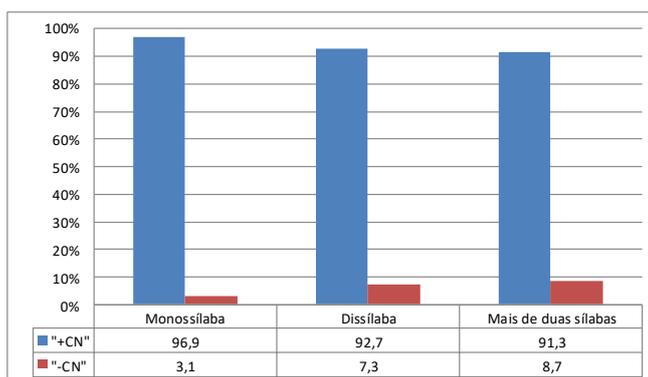
Analisando separadamente os dados do PGB e do PTL, verificamos que, nessas variedades, os constituintes oxítonos e os monossílabos tônicos foram os que menos favoreceram a forma “+CN”, o que vai de encontro ao que é defendido por Scherre (1988). No PGB, constituintes proparoxítonos foram os que mais favoreceram o uso da concordância, e no PTL, os elementos paroxítonos e os monossílabos átonos são os que mais contribuíram para esse favorecimento.

Vale destacarmos, contudo, que a forma “+CN” teve um alto percentual em todas as tonicidades, não sendo o percentual de “-CN” superior a 15% em nenhum dos casos, o que pode indicar o quanto o PE ainda exerce influência no uso da concordância tanto em Guiné-Bissau quanto em Timor Leste.

A última dimensão da saliência fônica analisada foi a dimensão “número de sílabas”. No estudo de Scherre (1988), essa dimensão não se mostrou relevante para a análise do fenômeno da concordância nominal de número. Optamos por incluí-la em nossa investigação para verificarmos se tal irrelevância se manteria.

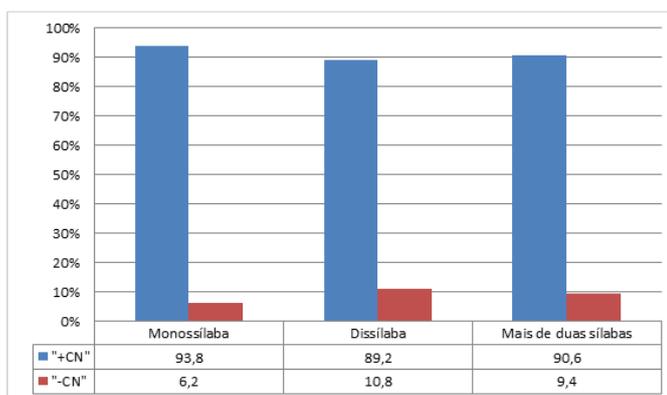
A rodada inicial feita no *GoldVarb-X* com os dados de Guiné Bissau e de Timor-Leste separadamente permitiu que obtivéssemos os quantitativos e os percentuais gerais de cada país em relação a essa variável, conforme resultados apresentados nos gráficos 8 e 9:

**Gráfico 8: PERCENTUAL DE +CN E -CN NOS DADOS DE GUINÉ-BISSAU, TOMANDO POR BASE A SALIÊNCIA FÔNICA – DIMENSÃO NÚMERO DE SÍLABAS**



Fonte: Paraiso (2019, p.105)

**Gráfico 9: PERCENTUAL DE +CN E –CN NOS DADOS DE TIMOR LESTE, TOMANDO POR BASE A SALIÊNCIA FÔNICA – DIMENSÃO NÚMERO DE SÍLABAS**



Fonte: Paraiso (2019, p.106)

Como verificamos no gráfico 8, o percentual de ocorrências da forma “+CN” para elementos monossílabos do PGB demonstra que tal variante favoreceu o uso da concordância e se distanciou, ainda que pouco, do modo como a regra de concordância foi aplicada nos constituintes paroxítonos e monossílabos átonos e nos proparoxítonos. Já o gráfico 9, que exhibe os resultados do PTL para essa variável, expõe índices muito próximos para o uso da concordância nas três variantes do grupo de fatores.

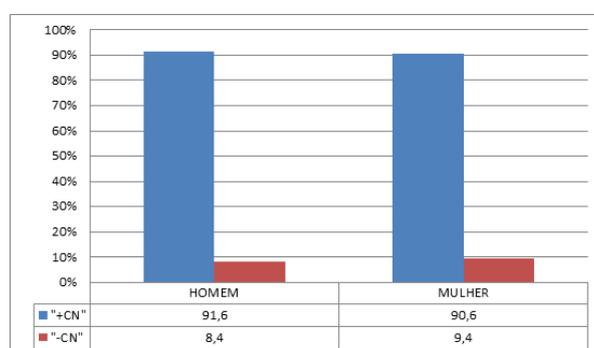
Em relação à variável sexo, os dados são apresentados nos gráficos 10 e 11:

**Gráfico 10: PERCENTUAL DE +CN E -CN NOS DADOS DE GUINÉ-BISSAU, TOMANDO POR BASE O SEXO**



Fonte: Paraiso (2019, p.107)

**Gráfico 11: PERCENTUAL DE +CN E -CN NOS DADOS DE TIMOR LESTE, TOMANDO POR BASE O SEXO**



Fonte: Paraiso (2019, p.108)

Como vemos, nos gráficos 10 e 11, há uma diferença muito pequena entre o uso da norma padrão “+CN” por homens e mulheres de ambos os países. Esse dado geral foi confirmado com a rodada em que obtivemos os pesos relativos no *GoldVarb-X*, cuja informação fornecida pelo programa foi a de que o grupo de fatores que corresponde à variável sexo foi eliminado por não ter sido significativo para aplicação da regra de concordância, com um peso relativo global de 0.523, para homens; e 0.478, para mulheres. Acerca do comportamento dessa variável, Scherre (1988), citando Naro e Guy, afirma o seguinte:

Trazendo mais evidências da inoperância da variável Sexo na resolução das questões que estão sob foco, podemos ver que Naro utiliza o comportamento padrão da mulher como uma das evidências de mudança linguística (cf. 1981a, p.86) e Guy utiliza o mesmo raciocínio para concluir sobre variação estável (cf. 1981a, p.198 e 1986, p.11-2), envolvendo o mesmo fenômeno linguístico: o da concordância de número em Português. (SCHERRE, 1988, p.430)

Tal variável, no estudo da autora, mostrou um grau geral de 0,0 de significância em uma ordem de seleção estatística das variáveis sociais, apresentando relevância

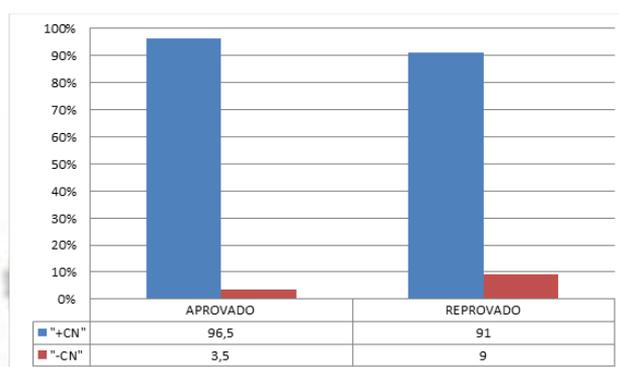
apenas quando cruzada com outros fatores, como faixa etária e anos de escolarização. Nossos resultados corroboram tanto com a referida autora quanto com os outros estudos verificados por ela.

A situação de “aprovado” ou de “reprovado” em um exame vestibular não costuma fazer parte dos estudos sociolinguísticos. Considera-se como variável social que se ocupa do fator “educação” o nível de escolaridade dos usuários. Dito isso, neste estudo equiparamos a variável “situação no vestibular” com a variável “nível de escolaridade”, utilizada comumente em pesquisas de caráter variacionista.

Justificamos essa escolha por acreditarmos que tais variáveis aproximam-se. Elencamos duas razões para tal equiparação: 1) o resultado obtido pelos estudantes guineenses e timorenses no vestibular da UNILAB-CE nos remete à qualidade na escolarização do candidato e 2) os critérios para aprovação no vestibular da UNILAB-CE (a composição da nota de aprovação e a avaliação da redação de onde retiramos os sintagmas que constituem os *corpora* desta investigação) associam o êxito no exame vestibular à qualidade esperada na escolarização do candidato, aspecto que refletiu no resultado do uso da concordância em ambos os países investigados nesta pesquisa.

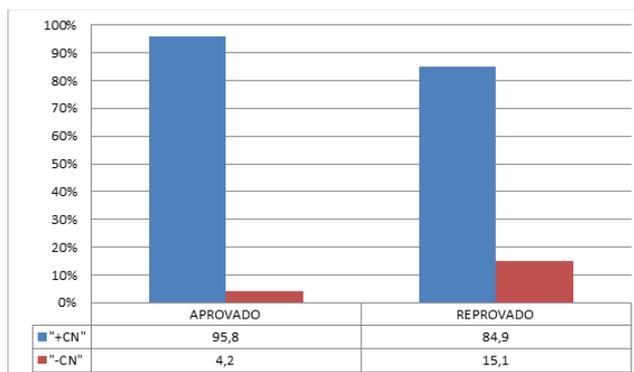
Os gráficos 12 e 13 apresentam os resultados obtidos com a rodada dos dados de Guiné-Bissau e Timor Leste separadamente para essa variável:

**Gráfico 12: PERCENTUAL DE +CN E –CN NOS DADOS DE GUINÉ BISSAU, TOMANDO POR BASE A SITUAÇÃO NO VESTIBULAR**



Fonte: Paraiso (2019, p.110)

**Gráfico 13: PERCENTUAL DE +CN E –CN NOS DADOS DE TIMOR-LESTE, TOMANDO POR BASE A SITUAÇÃO NO VESTIBULAR**



Fonte: Paraíso (2019, p.110)

Como verificamos nos gráficos 12 e 13, o PGB e o PTL comportam-se de maneira muito semelhante em relação ao uso da concordância, tomando por base, neste caso, a variável situação no vestibular.

No entanto, nos dados de candidatos reprovados do Timor Leste, obtivemos um resultado aproximadamente 6% maior para o favorecimento da marca “-CN”. Essa diferença, ainda que sutil, entre os candidatos do Timor Leste reprovados no vestibular da UNILAB-CE pode apontar para o fato de que o estatuto de língua estrangeira do português no Timor Leste talvez tenha permitido que o tétum exercesse mais influência no uso do PTL do que o crioulo guineense exerceu no uso do PGB, considerado, por sua vez, como segunda língua na Guiné Bissau.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os objetivos deste estudo, verificamos que o intenso contato linguístico do PGB e do PTL com o crioulo guineense e com o tétum, respectivamente, influencia para que a concordância nominal de número seja uma regra variável, de acordo com a proposta de Labov (2003). O resultado apresentado, em que vimos um percentual de 93,6% para a forma “+CN”, em Guiné-Bissau, e de 91,1% em Timor Leste, confirma as seguintes hipóteses: 1) devido ao fato da situação de uso da língua escrita ser um contexto monitorado (a situação de um exame), não se esperava muitas ausências de concordância nos dados analisados e 2) há forte influência do PE, apesar do intenso contato do PGB com o crioulo guineense e do PTL com o tétum, línguas locais em que não se observa, na maioria dos usos, marcas explícitas de número em alguns dos elementos no interior do sintagma nominal (CASTRO, 2013; ALBUQUERQUE, 2012).

Dando continuidade aos objetivos que traçamos para esta investigação, buscamos verificar fatores de natureza linguística e extralinguística que poderiam favorecer o uso da concordância nominal de número no PGB e no PTL. A maioria das variáveis que selecionamos para este estudo mostrou-se significativa, com exceção da variável “sexo” em ambos os países; e da variável “saliência fônica” em sua dimensão número de sílabas, nos dados do Timor Leste.

Por fim, tendo concluído a pesquisa que nos empenhamos em desenvolver, deixamos como sugestão para estudos futuros que possam ser desenvolvidos o fenômeno da concordância nominal de gênero nas variedades guineense e timorense do português, bem como o estudo de outros fenômenos analisáveis nas variedades desse “grande corpo espalhado pelo mundo” que é a língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, D. B. de. **Esboço morfossintático do português falado em Timor-Leste**. Brasília: Moderna språk. Universidade de Brasília. 2012.

ALMEIDA, N. C. H. **LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE: ENSINO E CIDADANIA**. Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Departamento de Língua e Cultura Portuguesa. 2008.

BACELAR DO NASCIMENTO et al. **Corpus África: as cinco variedades africanas do português**. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, p. 373-384, 2008.

BRANDÃO, S. F. Variação e o estatuto de variedades do português. **Diadorim**, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 83-104. 2016.

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. **Alfa**, São Paulo, v. 53, n. 3, p. 1035-1064, 2012a.

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem Sociolinguística. **PAPIA** ISSN 0103-9415 e ISSN 2316-2767. p. 7-39, 2012b.

CASTRO, P. P. **As construções interrogativas, de tópico e de foco na língua crioula de Guiné-Bissau**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

COELHO, I. L. [et al]. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

INTUMBO, Incanha. **Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, 2007.

JOUDE, J.. **Em Guiné-Bissau, o sistema educativo precisa em grande parte de ser construído**. Biblioteca Digital da UNESCO. 2016.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: Paulston, C. B. & Tucker, G. R. (orgs.). **Sociolinguistics: the essential readings**, 235-250. Oxford: Blackwell, 2003.

\_\_\_\_\_. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOTA, M. A.; MIGUEL, M.; MENDES, A. A concordância de P6 em português falado. Os traços pronominais e os traços de concordância. **Papia**, v. 22, n. 1, p. 161-187, 2012.

PARAISO, T. C. F. **O uso da concordância nominal de número em redações produzidas em português por estudantes guineenses e timorenses: um estudo contrastivo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Letras. 2019.

PEIXOTO, C. M. M; SOARES, M. E. **Representações sobre o estatuto da língua portuguesa no dizer de estudantes guineenses**. XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA (ALFAL 2014) João Pessoa - Paraíba, Brasil. 2014.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Sobre a concordância de número no português falado do Brasil**. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Attidel XXI Congresso Internazionale diLinguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 107-129, 1º sem. 2006.

SEDRINS, A. P.; SILVA, C. R. T. Padrões de concordância de gênero e número no sintagma nominal em variedades africanas do português. Leitura. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFAL)**, v. 2, p. 85-105, 2017.